

APRESENTAÇÃO: O TRABALHO DA LÍNGUA NA HISTÓRIA EM DISCUSSÃO

Maria Cleci Venturini

Se as ciências sociais se constituem pressupondo uma certa noção de linguagem e de sujeito, é na transformação dessas noções que também está o deslocamento de seus (delas) limites e, conseqüentemente, de suas relações (Orlandi, 2004, p. 23)

Para pensar o trabalho da língua na história, constituindo efeitos de sentido, sempre em relação a, tanto na literatura quanto na mídia e, também, no cinema remontemos à Análise de Discurso, tendo em conta que se todos falassem, escrevessem ou se comunicassem da mesma forma, o mundo seria muito mais igual, mas também muito menos fascinante. O poético e o deslizamento não estão fora da linguagem, não se restringem a um conjunto de efeitos especiais a serem usados em determinadas ocasiões para dar conta do que escapa ao que chamamos de ‘normalidade’. Muito pelo contrário, constituem-se como propriedades inscritas na ordem da língua, funcionando em momentos de grande emoção positiva ou negativa, materializando-se na impossibilidade de dizer tudo e querer dizer mais.

A Análise de Discurso é uma disciplina que começou a ser gestada a partir da década de 1970 por Michel Pêcheux, conforme historiciza Maldidier (2003). A disciplina em tela, não trata da língua, nem da gramática, mas tudo isso interessa a ela, conforme Orlandi (1999). O seu objeto é o discurso de acordo com “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com seu discurso observa-se o homem falando.” O texto é a unidade de análise na perspectiva discursiva e encaminha para domínios e discursos distintos, porque o sentido como diz Pêcheux (1997, p. 160) “não existe em si mesmo” e os sentidos vão se constituir a partir da filiação dos sujeitos, da interpelação ideológica e do atravessamento do inconsciente.

Nesse campo teórico, o sentido atrela-se ao sujeito e às suas filiações ideológicas resultam da inscrição em formações discursivas e de acordo com as condições de produção do discurso. Ainda em relação ao sentido e à inscrição em formações discursivas, de acordo com Pêcheux (1997, p. 162) a formação discursiva “dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas”. Os lugares de inscrição dos sujeitos em formações discursivas determinam o que pode/deve dizer, tendo sempre em conta as suas tomadas de posição. Isso significa, como diz Courtine (1999), que a língua se divide em língua de gramática e a língua efetivamente em funcionamento a partir de processos discursivos. Esse fato permitiu a Courtine (1999) dizer que o analista de discurso deve ser linguista de deixar de sê-lo. Isso porque a língua possui uma autonomia relativa, o que se espera que os sentidos não estejam rigidamente divididos, pré-determinado.

Aepígrafe com que iniciamos este texto dá a dimensão das razões de trazermos a língua na história e, principalmente, de entender, sempre a partir de Orlandi, em muitos dos seus textos, que a Análise de Discurso não trabalha interdisciplinarmente. Constituir-se no entremeio é questionar as demais disciplinas e são tomá-las como instrumento, mas isso não significa desrespeito ou diminuição das demais

disciplinas, mas compreender que cada campo teórico tem a sua especificidade, a sua metodologia.

Este número da revista apresenta textos inscritos na Análise de Discurso, mas também textos que vem da Literatura e mesmo da Linguística, trilhando outros espaços teóricos, enfocando temáticas diferentes, considerando a língua e por um certo modo de defini-la. Podemos perguntar, também, mesmo se inscrevendo em campos e domínios do conhecimento distintos, os artigos que compõem este número da Revista Interfaces mobilizam a língua que significa na história.

Vale destacar que cada domínio do conhecimento tem a sua especificidade, com olhares que caminham para distintas direções e tomadas de posição que se contradizem e se antagonizam. As teorias, entretanto, não prescindem de concepções de língua e de que ela muda diante de diferentes objetos analisados e que esses objetos significam pelo que vem antes como história ou como memória. Destacamos filiações históricas de cada campo disciplinar e o compromisso com a metodologia e com a forma de conceber a língua, frequentemente afetada pela ideologia em cada um desses campos. É preciso dizer a partir de Pêcheux (1997) que não há discurso sem sujeito, assim como também não há sujeito sem ideologia. Dizer-se neutro é em si estar afetado pela ideologia. É nessa direção que nos propomos andar na apresentação desse número da Revista Interfaces, considerando as diferenças, mas também as aproximações, referendando o trabalho com a linguagem.

Abrimos com a contribuição de Anna Carolina Pasquali e Sabrina Bonqueves Fadanelli, Universidade de Caxias do SUL, RS - em seu artigo centram na abordagem qualitativa de autoria, examinando o estilo e as características linguísticas do texto e com isso defendem a possibilidade de determinar uma possível autoria. O posicionamento, defendido no texto ancora-se nos pressupostos defendidos por McLeod (2020) em termos de autoria e, teoricamente, no Círculo de Bakhtin, tomando a língua como social e, segundo as autoras, “moldando o sujeito”. O corpus se constitui de dois estudos de Linguística Forense que trabalham com questões de autoria, com a finalidade de ilustrar as relações estabelecidas e ilustram as relações entre as características linguísticas do texto e a identificação da autoria. A conclusão a que chegam é que há pontos de convergência entre a teoria de McLeod (2020) sobre autoria e a de língua proposta pelo Círculo de Bakhtin, referendando que a expressão da identidade no uso da língua, encontra-se atravessada por ideologias que permeiam os falantes, sinalizando o pertencimento a comunidades cujas práticas de linguagem.

O texto ‘Poéticas de resistência em Bear, Bones and Feather (1994), de Louise Bernice Halpe’, Neide Pinheiro (Unicentro/PPGL) apresenta a autora e a sua importância dentro de um dos maiores grupos de indígenas da América do Norte (étnica Cree). O texto de Bernice Halpe, de acordo com a pesquisadora, “articula traumas da história colonial canadense, especialmente nas escolas residenciais. A Voz Cree aparece no texto pela materialidade linguística pelo uso do Creenglish - interpolações da língua Cree em poemas majoritariamente escritos em inglês; da presença de elementos mitológicos e da evocação de memórias ancestrais. Desse modo Halpe constrói uma escrita que funciona como um espaço ritual de resistência e (re)conexão com as raízes culturais indígenas. Os teóricos que sustentam a análise do texto ancoram-se em teóricos que tratam de questões indígenas tais como Thomas King (2013) e Tomson Highway (2000), bem como em conceitos sobre poética propostos por Fred Wah (2000) e Maria Lucia Milleo Martins (2009); Creenglish por Gingell (2010) e Mongibello (2013) entre outros.

Amanda Patriota Costa – Universidade Federal do Paraná – busca analisar, no texto “O não-dizer de um dito: reflexões sobre o caso de Saul Klein”, a memória discursiva em que se inscrevem os argumentos da defesa de Saul Klein em uma notícia por uma notícia publicada no jornal A Tribuna (SP) em 2020, acerca de um caso de relacionamento Sugar. A pesquisa se inscreve nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso Materialista a partir de (Pêcheux, 1999), (Orlandi, 2011) e (Lagazzi,

2008 e 2009). por uma notícia publicada no jornal A Tribuna (SP) em 2020. Em seu texto Costa busca entender como a memória e o silêncio operam na defesa de Saul Klein e na formulação da notícia.

Para Herta Maria de Açucena do Nascimento Soeiro e Milena Barros o Acampamento Terra Livre (ATL), maior Assembleia dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil, ocorre anualmente desde 2004, organizado pela APIB e outras entidades. O evento completou, em 2024, 20 anos como espaço de resistência, articulação política e debate sobre demandas e direitos indígenas em todo o país. O objetivo do movimento é pressionar o governo e sensibilizar a sociedade em temas como demarcação de terras, direitos humanos, proteção ambiental, saúde, educação e diversidade cultural. Em seu artigo, Soeiro e Barros analisam o lema do ATL 2024 “Nosso marco é ancestral, sempre estivemos aqui”, buscando articular conceitos que possibilitam dar visibilidade a textos que indicam práticas em circulação, dentre eles a Constituição de 1988, a tese do marco temporal, a Lei 14.701/2023 e as vozes historicamente silenciadas, que integram o imaginário da resistência indígena na luta pelo território e pela preservação dos direitos originários.

Alicerçados na Análise de Discurso de orientação pecheutiana, Adilson Carlos Batista e Leandro Tafuri (UFPR) analisam, no artigo “Entre resistência e interdição: a disputa sobre o Triângulo Rosa”, a postagem sobre o triângulo rosa, realizada por Donald Trump em sua rede social. Os autores analisam a materialidade discursiva como enunciado-imagem em disputa, mobilizando tanto a memória da perseguição nazista quanto o movimento de resistência da comunidade LGBTQIA+. De acordo com os autores, o triângulo rosa é ressignificado pela extrema direita, dando visibilidade às relações ideológicas envolvidas na manipulação de narratividades históricas realizadas por líderes políticos. A discussão envolve, sobretudo a prática discursiva na legitimação ou contestação de estruturas de exclusão, refletindo sobre os mecanismos de interdição de grupos sociais pela linguagem e as dinâmicas de poder e significação que daí emergem.

“A Questão do letramento literário pelo viés das Ciências Humanas, de Edgar Morin” é a investigação proposta por Beatriz Rodrigues Ribeiro (Universidade do Piauí), desenvolvida no artigo, em que a autora enfatiza a multimodalidade como estratégia pedagógica. A partir disso, critica o ensino tradicional, que fragmenta a literatura em análises historiográficas e afasta os alunos do texto integral e de uma leitura significativa. Há destaque para Morin, no destaque a um ensino voltado à complexidade, conectando literatura, filosofia, história e artes para formar leitores críticos e para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que reforça a importância de integrar mídias diversas, como filmes e HQs, para engajar os estudantes.

O artigo de Amanda Kélvia dos Santos Almeida, Felipe dos Santos Matias - (UNIFRA), RS - tem como objeto de análise a obra A Divorciada (1902), de Francisca Clotilde (1862-1935) e o designam como um anarquivo por representar as narrativas femininas silenciadas, considerando práticas como casamento forçado e violência doméstica. Essas práticas são visíveis em dinâmicas culturais e sociais do Brasil do final do século XIX e contribuem para a compreensão da condição feminina na história e na literatura. A designação anarquivo retrata as violências sistêmicas e a domesticação das mulheres no fim do Oitocentos, além de sugerir possíveis elementos autobiográficos presentes na narrativa por experiências pessoais de Francisca Clotilde, autora do romance. A investigação é fundamentada por meio da interlocução com as reflexões de Seligmann-Silva (2014), Federici (2004), Derrida (2001), Colling (2013), Perrot (1995), Rago (2001), Mignolo (2011), Ricoeur (2010), Agamben (2009), Assmann (2011), entre outras.

As discussões em torno de políticas linguísticas do Espanhol na perspectiva materialista do discurso indicam a recorrência de silenciamentos em torno do ensino dessa língua. Com o texto “O silenciamento do Espanhol na Educação brasileira: uma análise das políticas lingüís-

ticas e suas implicações culturais Bibiana Souza Reis, Ysadora Pereira Rangel, Neosane Schlemmer (UFSM) tomam como corpus de análise a lei nº 11.161/2005, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de língua espanhola e a lei nº 13.415/2017 que tornou o ensino de língua espanhola optativo, priorizando o ensino de língua inglesa. As autoras entendem que com isso se constituem efeitos de hegemonia da língua inglesa no ensino e a deslegitimação do Espanhol no ensino. A partir das análises concluem que o silenciamento da língua espanhola no Brasil não são consequência apenas de uma mudança administrativa, e sim de uma construção ideológica que enfraquece os laços culturais, políticos e históricos com a América Latina.

Com o texto “Traços e retalhos de ironia clariceano: significados e contrapontos” Priscila Andressa Crepaldi Venturim, Neilde Silva De França Bois (UFPR), inscritas no domínio da Literatura analisam o discurso irônico e da teoria do riso no conto “A vida íntima de Laura” de Clarice Lispector, obra que se destaca por personagens animais que, interagem com o universo humano e realizam profundas reflexões sobre a subjetividade e a condição humana. Mobilizam a noção de ironia, a partir das contribuições de Soren Kierkegaard e de Henri Bergson, entendendo que ela emerge como recurso na promoção de um diálogo íntimo entre a autora e o leitor, incentivando questionamentos sobre a vida e suas escolhas. De acordo com as autoras, o entrelaçamento entre humor, trabalhando com profundidade, Lispector não apenas entretém, mas também provoca uma autorreflexão que ressoa tanto na infância quanto na vida adulta.

Ana Paula Pereira Ferreira (UFPR), filiada à teoria materialista do discurso, contribui com este número da revista com o texto “Racialidade e silêncio: a exclusão da cor no censo brasileiro (1970-1979), analisando em discursos presentes nas notícias veiculadas em periódicos do estado do Paraná nas décadas de 1970 e 1979 a exclusão da categoria “cor” nos censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O objetivo proposto consiste em compreender como esse gesto discursivo contribuiu para reforçar a ideologia da democracia racial, promovendo o apagamento das desigualdades raciais pelo tensionamento da identificação racial no Brasil, cuja ausência significa como prática política e ideológica vinculada ao cenário da ditadura civil-militar (1964-1985), elevando a mestiçagem no Brasil a um “mito fundador da identidade nacional”, funcionando como discurso ideológico que esconde e naturaliza as desigualdades raciais. Essa operação se sustenta em categorias deslizantes, que, segundo Gonzalez (2020), conferem ao negro um lugar subalternizado sob a aparência de integração cordial.

“A heterogeneidade no discurso jornalístico sobre violência contra a mulher”, de Mônica Ferreira Cassana e Luísa Oliveira da Fonseca – UFRGS – propõe uma análise discursiva de um recorte de uma entrevista jornalística sobre um crime de feminicídio. Os aportes teóricos que sustentam a análise advêm de Michel Pêcheux, que na década de sessenta fundou a teoria que foi desenvolvida, no Brasil, especialmente, por Eni Orlandi. As autoras partem do pressuposto de que há atravessamentos de discursos que vêm de outros domínios do saber, nesse caso, do jurídico, possibilitando perguntar como esses discursos que se atravessam se produzem no espaço midiático pela inserção do outro no discurso. Buscam ainda, colocar em suspenso os modos de inserção desse outro no discurso, a imputação da dúvida e os movimentos de silenciamento podem operar como mecanismos de apagamento de determinadas posições-sujeitos, interferindo diretamente na construção de sentidos sobre justiça e responsabilização.

Ancorando-se nos fundamentos teóricos e contribuições de Koch (1996; 2009; 2015; 2018; 2022; 2023), Cavalcante (2024), Fávero e Koch (2012), Koch e Travaglia (1996; 2023) e Marcuschi (2008; 2010; 2012) o artigo intitulado “A Referenciação anafórico-pronominal na escrita

dos alunos da Educação Básica” filia-se à Linguística Textual. Ismael Ribeiro Da Silva, Jaqueline Adriana Príncipe Pedro, Maria Heloiza Alves Pereira Santana (UEL) propõem-se a investigar o fenômeno da referenciação anafórico-pronominal na escrita de um grupo de alunos da Educação Básica. O corpus de análise é um recorte da dissertação de mestrado de Silva (2021) que realizou uma pesquisa quantitativa, à luz da Sociolinguística Laboviana, de natureza morfossintática. O objetivo principal deste trabalho, segundo os autores é analisar textos – do gênero narrativo – produzidos por 40 alunos de uma escola da Rede Estadual do Paraná (2018).

Luciane Trennephol da Costa, Gilmar do Carmo Freitas – UNICENTRO, no artigo “A língua ucraniana em paisagens linguísticas em Prudentópolis” analisam a presença da língua ucraniana em paisagens linguísticas registradas na cidade de Prudentópolis, interior do Paraná, à luz de conceitos de Landry e Bourhis (1997) e Gorter (2006). Definem paisagem linguística como os registros escritos públicos em determinada língua presentes em determinado território ou espaço. A pesquisa tem natureza qualitativa e os dados foram coletados através de registros fotográficos que são classificados de acordo com os conceitos de sinais top-down e sinais bottom-up e posteriormente analisados em suas funções informacionais e simbólicas pertinentes à vitalidade etnolinguística da etnia ucraniana na cidade e como parte de seu contexto sociolinguístico.

No artigo “Venuti e Freud: domesticação e estrangeirização nas traduções de A comédia dos erros”, Roberto Ferreira Junior, Lidiele Batista Nogueira, Enzo Agnolet Ferreira (UFES) – analisam as traduções de A Comédia dos Erros de Carlos Alberto Nunes e Beatriz Viégas-Faria, focando nas escolhas tradutórias que cada tradutor trouxe para sua versão da obra. O objetivo é compreender como cada tradutor adaptou o texto de Shakespeare ao português, considerando o contexto brasileiro em que cada obra foi escrita, em décadas distintas. As análises se ancoram nas teorias de Lawrence Venuti, investigando as estratégias de domesticação e estrangeirização presentes nas traduções, tomando de empréstimo o conceito freudiano de estranho, o qual é base para um ensaio sobre os limites simbólicos e as características disruptivas do elemento estrangeiro. A pesquisa avalia, por fim, as implicações dessas escolhas para a fidelidade ao texto original e para a acessibilidade ao público contemporâneo.

Saulo Semann, Andrey Adão Kaminski Amazonas, e Camile Fedaracz - Unicentro analisam no artigo “Não venda minha escola”: resistência discursiva à mercantilização da Educação” analisam, sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, o enunciado “Não venda a minha escola”, veiculado pela APP-Sindicato do Paraná em 2024 como forma de resistência ao Projeto de Lei nº 345/2024, que propõe a privatização da administração de escolas públicas estaduais do Paraná por meio de parcerias com empresas privadas. A partir dos pressupostos teóricos de Michel Pêcheux, Jean-Jacques Courtine e Eni Orlandi, investigam-se os possíveis efeitos de sentido produzidos pelo enunciado, bem como as formações discursivas em confronto na arena educacional contemporânea. A análise evidencia que a formulação se ancora em uma formação discursiva de resistência à lógica neoliberal e mobiliza uma memória coletiva da escola pública como espaço de pertencimento, cidadania e direito social.

Para concluir, retomamos a concepção de língua em cada artigo, mesmo que uma concepção específica não seja defendida, é certo que cada autor, quando escreve, realiza uma prática linguística e a defende com mais ou menos propriedade. Nesse sentido, o primeiro artigo, toma a língua como social e, destacam a partir do Círculo de Bakhtin, que a língua ‘molda’ o sujeito, diríamos, que no social, a partir de práticas linguísticas, o sujeito ‘se mostra e se esconde’, como diz Orlandi (2001). No texto de Neide Garcia Pinheiro, a língua é tomada como prática social, dando a ver a etnia Cree e suas práticas.

A concepção de língua na história, dividida e heterogênea perpassa os vários textos desta edição da Revista interfaces, sinalizando que os sentidos sempre podem ser encontros, que as formações dis-

cursivas se confrontam. Os objetos de análise diversificam-se, analisando os relacionamentos sugar, o movimento terra livre, as práticas de interdição pelo Triângulo Rosa, as políticas públicas que silenciam o ensino de espanhol, enunciados midiáticos e suas implicações, a racialidade, dentre outros.

Sublinhamos, também, a revista *Interfaces* como um periódico que trabalho nos entremeios e, também, com a interdisciplinaridade, atendendo a diferentes campos teóricos com vistas a chegar aos diferentes programas de pós-graduação, produzindo conhecimento e discutindo pesquisas.

Há textos literários e não literários e diferentes encaminhamentos, mas entendemos que mesmos os artigos não-filiados a Análise de Discurso, que concebe a língua dividida e heterogênea, trazem, de certa forma a história, quando consideram e seguem os pressupostos demandados por suas filiações teóricas, assumindo compromissos e tomando posições. Os autores tomam posição e realizam os recortes que resultam de suas filiações ideológicas e formas de entrada na ideologia.

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. O Chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. Trad. de Freda Indursky. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Os múltiplos territórios da Análise de Discurso. Sagra Luzzato, Porto Alegre, 1999.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. [1982]. A língua inatingível: o discurso na história da linguística. Trad. Bethania Mariani e M^a. Elizabeth C. de Mello. 2. ed. Campinas: Ed. RG, 2004.

MALDIDIER, Jaqueline. Inquietações do discurso: (re)ler Pêcheux hoje. Campinas/SP: Pontes Editores, 2003.

ORLANDI, Eni. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas/SP: Pontes Editores, 1999.

ORLANDI, Eni. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. Campinas/SP: Pontes Editores, 2001.

ORLANDI, Eni. Eu, Tu, Ele – Discurso e real da história. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi [et.all]. Campinas: SP: Editora da UNICAMP. 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. [et. al.]. O papel da memória. Trad. Introdução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Discurso: estrutura ou acontecimento. 3. ed. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. Tradução Eni Orlandi e Graciely Costa. Campinas/SP: Pontes Editores, 2019.